

**O DOUTOR**  
**E OUTROS CONTOS INCORRETOS**

**Obras do autor em nosso catálogo:**

*A dinâmica da violência juvenil*  
*O doutor e outros contos incorrestos*

**homepage / e-mail do autor:**

[www.booklink.com.br/nildoviana](http://www.booklink.com.br/nildoviana)  
[nildoviana@terra.com.br](mailto:nildoviana@terra.com.br)

**Nildo Viana**

# **O DOUTOR**

**E OUTROS CONTOS INCORRETOS**



Copyright © 2007 Nildo Viana

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada  
ou reproduzida, em qualquer meio ou forma,  
seja digital, fotocópia, gravação etc., nem  
apropriada ou estocada em banco de dados,  
sem a autorização do autor.

Capa  
Demanda Editorial

Ilustração  
Nathan

---

N778

Viana, Nildo, 1965 -

O Doutor e outros contos incorretos / Nildo  
Viana – Rio de Janeiro : Booklink, 2007.

84 p. ; 20,5 cm.

ISBN: 85-7729-019-0

978-85-7729-019-2

1. Contos brasileiros. I. Título.

CDD 781

---

Editor  
Glauco de Oliveira

Direitos exclusivos desta edição:

Booklink Publicações Ltda.

Caixa Postal 33014

22440 970 Rio RJ

Fone 21 2265 0748

[www.booklink.com.br](http://www.booklink.com.br)

[booklink@booklink.com.br](mailto:booklink@booklink.com.br)

## SUMÁRIO

O DOUTOR .....	7
O HOMEM CORRETO .....	39
A RAPOSA E A ORTODOXIA .....	49
DIÁLOGO DE SURDOS .....	59
A ARTE DE ABRIR UMA LATA DE EXTRATO DE TOMATE .....	63
A VIAGEM .....	67
O FRIO .....	79



## O DOUTOR

Ele era um grande intelectual. Pelo menos era o que todo mundo dizia na universidade. Ele era muito competente e era especialista em Hegel, Marx e Mussolini. Ele fez pós-doutorado no exterior e por isso era admirado por todos. Ou melhor, quase todos. Ele era Doutor em filosofia. Falava três línguas. Era muito respeitado por seus “pares”, ou seja, pelos outros Doutores, mestres, especialistas, graduados, do seu departamento e dos departamentos vizinhos e estrangeiros. Aliás, nestes últimos ele era visto de forma especial. Os biólo-

gos, pelo menos os que estavam num estágio evolutivo pré-darwinista e pré-lamarckiano, admiravam aquele entendido da filosofia. Ficavam deslumbrados em ouvir tanta coisa que ninguém entendia. Isto pode parecer engraçado mas é verdadeiro. Eles não entendiam nada do que o nosso doutor falava e por isso consideravam-no um gênio. Nada mais normal do que não entender nada de que um gênio fala!

Ele publicou seis livros. O primeiro era sua monografia de fim de curso, que foi, durante um período de sete anos, reformulada e melhorada. Era intitulada *A Idéia de Idéia na Filosofia da Idéia*. O segundo era uma reformulação de sua Dissertação de Mestrado, intitulada *A Idéia de Ideal na Filosofia do Ideal*. O terceiro era uma reformulação e ampliação de sua Tese de Doutorado, cujo título era *A Idéia de Real na Filosofia da Idéia*. Esses foram os seus três primeiros livros publicados. Todos foram publicados pela Editora da Universidade em que ele dava aula e possuía inúmeros amigos, inclusive no Conselho Editorial da referida editora.



Os três livros eram de uma qualidade incontestável. O primeiro livro fazia, no primeiro capítulo, um resumo bastante resumido da idéia de idéia em Hegel, o segundo capítulo fazia o mesmo com Marx e o terceiro e último repetia a dose com Mussolini. Por fim, ele concluía que os três eram iguais e também que eram diferentes, o que no fundo queria dizer que eles eram nada, ou melhor, tudo, o que é a mesma coisa. Aos que falavam da dificuldade de compreender um pensamento tão sutil, ele respondia: “a filosofia requer um estudo aprofundado e noites de pesquisas e leituras, muito estudo é necessário. O filosofar é o caminho luminoso das idéias e só aquele que tem uma idéia é que pode ser filósofo”.

O segundo livro era bem dizer uma continuação do primeiro e a ordem de análise era a mesma. A mudança foi apenas o que foi acrescentado: a idéia foi contraposta ao ideal, para concluir, com seu espírito progressista e engajado, que a primeira decide tudo e a segunda é ilusão. O ideal está aquém do real e a idéia está

junta com o real, embora o ideal também esteja junto com a idéia. A essa brilhante e incomparável tese ele chamou de *A Juntitude do Ideal e da Idéia*. Esta idéia original, que ele copiou de um autor alemão desconhecido e não traduzido para o português, fez muito sucesso. Hoje ele diz que uma Dissertação de Mestrado não pode ter nada de novo, nenhuma idéia nova, pois isto é coisa para a Tese de Doutorado, por isso, ele faz autocrítica da referida dissertação. O terceiro livro era uma adaptação e reformulação de sua Tese de Doutorado. Ela contrapunha o real e a idéia, dizendo que a idéia não era o real e que o real não era a idéia, embora tanto a idéia quanto o real estivessem juntos, um não se confundia com o outro, apesar da confusão geral que existia entre ambos. Na verdade, tal idéia era um aprofundamento da sua idéia exposta na Dissertação. A grande mudança que ocorreu foi o abandono de Marx e Hegel. Ele preferiu trabalhar apenas com Mussolini e em algumas passagens *Main Kempf*, de Adolf Hitler, foram amplamente utilizadas.

O quarto livro era a união de diversos artigos publicados na revista do seu departamento e na revista do Instituto de Estudos Filosóficos Nacionais e Religiosos. Estes períodos marcavam a mudança de estilo em sua escrita. O seu título era *Fragmentos Fragmentários*. Ele afirmou que, com o título de Doutor, pode-se dizer qualquer besteira. Daí os seus artigos e os seus títulos sugestivos: *O Valoroso Problema do Valor*; *Idiotismo na Filosofia Antiga*; *Um, Dois, Três, os Números da Sorte*; *Astrologia e Filosofia: o Reencontro*; *Sob o Signo de Aquário*; *Ode à Cauby Peixoto, o Maior Filósofo Brasileiro*; *O Pensamento Apurado de Pelé Sobre os Eleitores*; *O Elogio da Alquimia*; *Introdução ao Nadar Intelectual* e seu principal artigo: *Experimentos em Fazer Nada Intelectualmente*. Ele reuniu estes artigos e os publicou sob a forma de livro.

Logo, pelo refinamento do seu pensar, de seu filosofar, como ele gostava de falar, não era compreendido. Os seus alunos, os quais ele democraticamente fazia comprar todos os seus livros, pois os adotava como cartilhas de alunos para o

prézinho, não conseguiam entender nada. Sem dúvida, havia um problema de vocabulário. Algumas palavras eram de difícil entendimento, tais como Juntitude, separatude, emboratitude, enro-latitude, entre outras. Também passagens de qualidade e dificuldade que não era qualquer mortal que entendia, pela sua profundidade, tais como este que transcrevo abaixo:

“Não há como separar o real da idéia. Não há separatude e sim juntitude entre ambos. A filosofia não pode desconhecer tal fato. A não ser que alguém pense diferente, pois todo ponto de vista é verdadeiro. Então, é verdade que há separatude entre o real e a idéia. Neste caso, não há juntitude. A filosofia deve distinguir entre o bem e o mal. Isto é um problema da ética, mas também da estética, pois o bem pode estar em juntitude com o belo e o mal com o feio e assim há juntitude e não separatude. A separatude está presente só quando existe separação e a separação só existe quando não há juntitude, embora seja possível pensar

que não haja nem um nem outro. E neste caso? Não se pode falar nada a respeito, pois isto é muito complicado e só uns trinta anos de estudos nos poderão fornecer a resposta parcial, pois nenhuma resposta é definitiva, a não ser esta. Por fim, apresentei, neste parágrafo, a tese da juntitude do real com a idéia”.

Você entendeu alguma coisa? Não? Nem eu! Mas é assim mesmo, a sutileza do pensamento filosófico é marcado pela incompreentitude... até a gente começa a falar como eles! Isto é contagioso, por isso, quem quer ser um Doutor, deve sempre andar junto com um. Aliás, muitos alunos entendem isto desde o primeiro dia de aula, e lá vão eles, correndo atrás dos Doutores. Com sede de saber, de bolsa de estudos, de futuro acadêmico, de carreira filosófica, lá vão os estudantes! E ainda se diz que não se nasce sabendo! Só não se nasce sabendo as sutilezas da filosofia! Mas o que eu disse no início é verdadeiro não só para alunos. Segundo o Doutor, ele disse: “quer ser um grande? Ande

junte com eles e seja igual!”. Esta é uma lógica implacável: *andar junto*. Aliás, a realidade confirma a filosofia da “juntitude” do referido Doutor. Ele inclusive passou todo o curso de Lógica falando disso. Logicamente, isto tudo é muito lógico.

Não estou falando de lógica atoa. Pois o seu quinto livro, *A Logicidade da Lógica*, foi o produto de 17 anos de estudos e pesquisas. Foi a sua obra-prima. O título pomposo já demonstra isso. Era o seu período de maturidade intelectual, como diria Althusser. Onde já se sabe o que pode dizer e o que não se pode falar e o que se pode falar e não se pode dizer, tal como outro Doutor colocou no prefácio. Aliás, este outro Doutor, especialista em telenovela da Rede Círculo de Televisão, autor de artigos para o mais respeitado jornal do país, *A Folha do Estado*, já nos alertava para o perigo do universal. A igreja universal é um perigo, mas não é deste tipo de perigo mundano e vulgar que o referido filósofo falava e sim de um perigo mais profundo: O PERIGO DA IDÉIA UNIVERSAL. Aliás, tudo é

particular, argumentava ele, e por isso o indivíduo deve defender apenas o seu interesse particular. Isto é muito lógico, aliás, é o maior grau de lógica *concreta* que um filósofo pode atingir. Mas voltemos ao nosso assunto original. O Doutor prefaciado falava de lógica e logicidade. Este trecho apresenta sua definição de lógica:

“Lógica é uma coisa lógica, lógico. A logicidade é ser no lógico. Logicamente, isto faz parte da filosofia da lógica, ou será que é da metafísica da lógica? Esta é a questão que busquei responder em 17 anos de estudo e que apresento neste livro. A resposta é apenas provisória, como o é o pensamento humano. Isto é tão verdadeiro que basta ver o quão nós somos provisórios. Por exemplo, eu vou morrer, logo sou provisório! Isto é lógico! Por isso, minha resposta é provisória. Até o final da semana eu sustento ela (ou ele, sei lá! Não sou obrigado a saber o sexo da resposta!), reconhecendo, porém, sua provisoriedade. Passou disso, eu já não sei. Voltando a minha discussão sobre a lógica, é

preciso reconhecer que logicidade é ser no lógico e ser no lógico é logicidade. Nós, filósofos, somos seres no lógico, ou então não somos filósofos. Mas como isto é provisório, a semana que vem podemos ser filósofos sem sermos lógicos. A fenomenologia da lógica, a essência da lógica, a beatitude da lógica. Isto tudo é importante, mas mais importante é a logicidade da lógica. O que a filosofia, em sua história, já escreveu sobre isto? Muita coisa. Mas é preciso ver que a junção da lógica e da logicidade é falsa e é verdadeira também. Por isso, é preciso saber que a metafísica da lógica é ao mesmo tempo a filosofia da lógica e que por isso elas são inseparáveis e sua inseparabilidade só se observa quando elas já se separaram. Por fim, esta definição de lógica, muito lógica por sinal, deve ser entendida por todos os filósofos, que não podem filosofar sem lógica, pois sem lógica não existe filosofia e logicidade. Por isso, é tão fantasiosa a tão propagandeada fim da lógica. Pois a lógica não tem fim e



o fim não tem lógica. Esta é a lógica do fim! Embora o que mais falte nos filósofos e no filosofar seja a lógica, ela é imprescindível. O ilógico é parte do lógico e por isso ambos caminham juntos (não vou voltar aqui ao complexo problema da juntitude e separatude do lógico e do ilógico, pois ambos estão juntos e ao mesmo tempo separados, afinal a logicidade é onto-lógica e a-lógica, psico-lógica e teleo-lógica) e assim se pode dizer que para filosofar não é preciso ser lógico. Por fim, digo que este é o caminho filosófico para a compreensão da relação entre lógica e filosofia.

O **quinto** livro se intitula: *Como Ganhar Dinheiro Sendo Filósofo e Pensando Pouco*. Este foi um grande sucesso. Mais de um milhão de exemplares vendidos em todo o país, sem falar nas cinquenta traduções para línguas estrangeiras e a vendagem de cinco milhões de exemplares do exterior. A temática do livro é como filosofar sem pensar e como pensar sem filosofar. A receita era simples: quando você estiver filosofan-

do na universidade, você não deve pensar e quando você estiver pensando em sua casa ou na rua, não deve filosofar. Para ganhar dinheiro basta ser um filósofo com dedicação exclusiva e assim vai pensar pouco, pois vai ficar muito tempo na universidade, que é um lugar para não se pensar.

O sexto livro foi um fiasco. Intitulava-se *Introdução à Eticologia da Ética Filosófica*. O motivo do fracasso até hoje não se sabe. O Doutor diz que é graças à complexidade do assunto, onde ele atingiu a maturidade maior do seu pensamento. Também corre o boato que o diretor da editora teve um desentendimento com ele e por isso o livro saiu cheio de erros. Veja um exemplo:

“a eticologia é a ciência que estuda a ética. A ética é uma parte da filosofia. A filosofia é o uso da razão. A razão é matemática. Matemática é instrumento. Instrumento é neutro. A neutralidade é não-ética. Portanto, a ética é uma parte da não-ética e isto quer dizer que não existe ética na ética, pois aí só existe antiética. A eticologia não é filosofia e sim ciência e por isso

ela poderia ser ética, mas não é, pois é ciência, que não é apenas o uso da razão mas é principalmente uso da razão, sendo que a razão já foi razoável e hoje é racionalista. Isto tudo é muito simplista! A filosofia não pode se limitar a isto! É preciso aprofundar as questões. Vejamos tudo de outra forma. A eticologia não é ciência, é filosofia, a filosofia não é uso da razão, mas tanto da razão quanto da desrazão embora estas duas coisas não se misturem. Por isso, dizemos que a eticologia é a ciência da ética, apesar de ser filosofia, pois ciência e filosofia são diferentes e antagônicas mas muito parecidas. Assim eu resolvo este problema e tal solução não é de forma alguma superficial”.

Este é o texto original, mas foi publicado o seguinte:

“a eticologia é a ciência que pesquisa a ética. A ética é um aparte da filosofia. A filosofia é o abuso da razão. A razão é esquemática. Matemática é coisa de jumento. Jumento é neutro. A neutralidade é patética. Portanto, a patética é um aparte da não-éti-

ca e isto quer dizer que não existe ética na patética, pois aí só existe antipatética. A etno-icologia não é filosofia e sim deficiência e por isso ela poderia ser eclética, mas não é, pois é deficiência, que não é apenas o intruso na razão mas é principalmente uso da razão [é bom lembrar do jumento como ser anti-ético], sendo que a razão já foi racional e hoje é regionalista. Isto tudo é muito simbolista! A filha da Sofia não pode se limitar a isto! É preciso aprofundar... Vejamos tudo de outra forma. A etno-ecologia não é ciência, é filosofia, a filha da Sofia não usa a razão... embora estas duas coisas não se misturem. Por isso, dizemos que a etico-orgia é a ciência da Elizabética, apesar de ser filha da Sofia, pois paciência e filosofia são diferentes e anta-agônicas mas muito parecidas. Assim resolvemos o “nosso” problema que não é nenhum pouco artificial”.

Apesar disso, o Doutor não perdeu seu crédito. Colocando como se fosse um erro de re-

visão, ele e o diretor da editora chegaram a um acordo e junto com o volume saiu uma errata corrigindo todos os atos falhos, ou melhor, erros. O processo encaminhado pela filha da Sofia criou mais alguns problemas para o Doutor. Ela o processou por calúnia e difamação. Além disso, aproveitando a voga, mais vinte alunos entraram com processos, por racismo, perseguição de alunos, assédio sexual, autoritarismo, etc. Ele foi chamado na reitoria da universidade, respondeu o processo e foi liberado e continua o mesmo, nada mudando em seu comportamento, em suas atitudes e seus famosos escritos. Continuou com o seu brilhantismo de sempre.

O Doutor passou a ser o Coordenador do Mestrado em Filosofia. Daí retirou os benefícios de seus inimigos e os doou aos seus amigos. Isto tudo, segundo ele, de acordo com sua eticologia. A seleção era uma verdadeira disputa. Mas não eram os candidatos que disputavam e sim os Doutores que disputavam que ia ter mais orientandos. A lógica disso talvez fos-

se mais rendimentos financeiros, ou mais coisas no currículo, etc. Numa entrevista, ele teve a coragem de declarar em alto e bom som a um candidato indesejável: “você fez uma boa prova, mas não poderá passar porque é desconhecido!” O desconhecido candidato, embora melhor do que muitos “conhecidos”, foi reprovado. Mas isso não é passível de discussão, pois foi o Doutor que falou e, se ele falou, tá falado! Afinal ele é um Doutor!

Ele era muito amigo de outro Doutor, o Doutor Zacarias. Este era professor de Sociopsicologia da Cultura Bairrista em outra universidade. Ele era muito culto. Tinha vocação para as artes, tanto cômicas (e seu nome não é mera coincidência) quanto cínicas. Ele tinha três amigos muito trapalhões, apelidados de os “três patetas”. Era uma festa. Mas isto na aparência. Na verdade, o tal Doutor Zacarias não era nem um pouco engraçado, beirando mais ao ridículo.

Ele falava muito de muitas coisas e nada de todas. Era um gênio quase igual ao nosso Dou-

tor em Filosofia. Ele em sua aula dava verdadeiros shows de sabedoria. No ritmo do sapatado, ele, em uma de suas aulas, colocou:

“Uma coisa pode ser três coisas ao mesmo tempo

Um carro pode ser um jato, uma janela, um casaco

Um carro pode ser três coisas ao mesmo tempo

Um carro pode ser ele, ser o seu contrário e ainda ser outra coisa”.

Depois destas brilhantes observações, ele descrevia sua autobiografia. Ficava horas nos ensinando o seu passado. Sua vida passada. A bela cidade natal. As experiências de uma pessoa mais idosa que deveria passar sua extensa sabedoria aos mais jovens. Sim, sabedoria! Ele, por exemplo, foi da esquerda oficial e hoje é da direita policial! A experiência lhe ensinou a trocar a religião do marxismo pela religião do academicismo, como desconfiou certa vez, em

que dava suas lições de imoral, digo, de moral.

Certa vez um aluno chegou para ele e perguntou: “Professor, posso pensar?” Ele, assustado com a insolência do seu aluno, disse: “isto aqui é um mestrado em sociologia e não qualquer outra coisa. Se quer pensar, que pense! Mas longe daqui! Aqui estamos para sociologar e não para pensar. O único pensamento que aceitamos aqui é o pensamento sociológico e este é um pensamento que não é um pensamento, ou, no máximo, um pensamento estéril. Aliás, a academia é isto: um poço de pensadores estéreis. Será que você não leu o livro que é adotado no primeiro ano? Existem as bíblias: em sociologia, a bíblia é o livro *Perspectivas Sócio-Ilógicas*; em filosofia é *Filo-Alongando* e em antropologia é *Relativo Rezando, Introdução à Religião Relativista*, e em todos os cursos, *O Pensamento Estéril - Como Pegar o Diploma e Continuar uma Nulidade*. Por isso, pare com esta idéia de pensar. Aqui não é lugar para isso. Aqui é uma academia! Puxa vida, até hoje tem esses comunistas querendo



atrapalhar a nossa vida pacata! Que horror!”.

O aluno saiu todo satisfeito. Não porque gostou do conselho, mas porque ele sabia que aquele discurso todo era sincero, verdadeiro, como poucas coisas vistas na academia. E isto, eis a razão da satisfação, confirma tudo que ele pensava sobre a academia. Aliás, o Doutor que anteriormente citávamos, e é por isso que passamos por este último, já dizia em seu livro (no prelo) *Academia e Esterilidade: Como Não Pensar Usando o Discurso Racionalizador da Humildade, Relatividade e Neutralidade*, que a esterilidade do pensamento foi a grande conquista da academia. Orwell descobriu este admirável mundo novo em seu livro *1984*. Sem dúvida, coloca sua hipótese, “não sabemos, se foi Orwell que inspirou a academia e se foi inspirado por ela”. Claro, se lermos Orwell, veremos tudo o que ele fala: Polícia do Pensamento, Crime de Pensamento, etc. A academia é isto! Não só interno mas também externo! Veja o caso de jornalistas e literatos que os acadêmicos vivem criticando por sua falta de rigor e esterilidade! O

único pensamento aceitável é o pensamento estéril! Que é o pensamento acadêmico.

No referido livro, ele diz, com toda a sua sensatez:

“Quer ter sucesso na academia? Leia *A Teoria do Medalhão*, de Machado de Assis. Sim, lá está tudo que você deve saber para ser um acadêmico de sucesso, um medalhão reconhecido nos nossos meios. Seja o que deus quiser mas seja um pensador estéril, ou, em outras palavras, seja um cientista ou um filósofo! Nada melhor do que a esterilidade do pensamento. Como fazer uma tese? Esqueça Umberto Eco. Depois da Revolução da Informática, basta usar um Scanner e escanear os trechos dos livros e juntá-los fazendo uma colcha de retalhos sem acrescentar nenhuma idéia original, pessoal, crítica, política, nova. Basta falar que A disse isso, B disse aquilo, C não falou nada e quem escreve isto é totalmente incapaz de dizer algo mais que isso. Seja um Janjão na vida! Seja como os intelectuais de Bruzundangas!

Não fale nada além do trivial, do banal, do superficial. Não aprofunde em nada, pois se aprofundar poderá se afundar! Que coisa! É preciso disciplinar o pensamento. Senão os ratos da polícia do pensamento poderão corroer seu nariz! Não seja outra coisa que não acadêmico, neutro, humilde, como qualquer servo. Isto não é difícil. Só insistem nisso algumas pessoas teimosas, não científicas, não acadêmicas, que ainda não disciplinaram seu pensamento ao ponto de ficar estéril e inútil. Coitados destes! Mas voltemos ao nosso método de disciplinamento do pensamento. Todo dia, ao levantar, diga cem vezes: não há nada de novo no mundo, não há nada de contraditório no mundo, não há nada de verdade no mundo, não há nada para se criticar no mundo, nós vivemos no melhor dos mundos possíveis! Aliás, sejamos como Pangloss! Viva o melhor dos mundos possíveis! e faça isso sem fazer manifesto político. Nada de opinião política. Neutralidade acima de tudo. Não

tenham o que vocês querem mas apenas o que devem pensar. E o que se deve pensar é que ‘tudo é divino, tudo é maravilhoso’, que nem já dizia um amigo meu, baiano, amigo de outro amigo meu, também baiano, que, por sinal, disse a mesma coisa, e é o que eu digo agora, porque não se pode dizer coisas novas e nem diferentes, mas só repetir o já dito”.

Assim entendemos como surgem gênios na academia. Para ser um gênio é preciso ser discípulo de outro gênio e ter um pensamento tão estéril quanto o dele. Este é o caso, por exemplo, de Jordinho Hauser. Não é parente de Arnold mas tem um futuro brilhante pela frente. Ele disciplinou tanto o seu pensamento que você olha para ele e vê apenas a imagem de um sonâmbulo, parecendo Gaspar Hauser ressuscitado! Ele é completamente petrificado, parece não ter emoção, sentimentos. É como todo bom acadêmico, um autômato, um robôzinho que foi programado para a disciplina e para exigir a disciplina.

Este Doutor, ao contrário do outro, não escreveu muitos livros, pois ele não tinha tempo suficiente, já que vivia fazendo trabalho de campo sobre cultura bairrista no bairro que ele morava. Ele escreveu o seu mais famoso livro: *Relativismo e Bairrismo, Ou Viva o Rei Roberto!* Um dia, na sala de aula, falando de seu passado glorioso, afirmou:

“A cidade que eu nasci é a melhor cidade do mundo. Os cantores da minha cidade são os melhores cantores do mundo. Depois vim para cá. Aqui é a segunda cidade melhor do mundo. Quando eu era pequenininho, lá em Salvavidas, tudo mundo era feliz. Quando eu conheci o grande psicanalítico Feudo, eu fiquei encantado, maravilhado, nem dou conta de falar. Eu fico muito emocionado. Quem não gosta desta cidade [Burolândia] e de Salvavidas, *é muito estranho!!* Quem não gosta de Roberto do Campo, *é muito estranho!!* Quem não concorda com o livro dele, *Carnavalescos, Malandrinhos e Heróis*, *é muito estranho!!* Feudo explica!!

Minha mãe é muito legal. Mas vamos continuar a aula. Vou contar pra você o que aconteceu comigo quando eu fiz a minha festinha de quinze anos. Foi ma-ra-vi-lho-so!! E quem não quiser ouvir ou não estiver gostando, é porque *é muito estranho!!* Esse pessoal que não gosta de Roberto, o Rei, ou do outro Roberto, o colorido, *é muito estranho!!* Mas voltemos ao problema do bairrismo da minha juventude. Eu era muito bairrista. Hoje eu sou relativista. Não admito conversar com ninguém que não seja as duas coisas: relativista e bairrista. Quem não é relativista e bairrista *é muito estranho!!*”

Mas, voltando ao Doutor em filosofia, ele é muito bom, como são quase todos os Doutores. Embora tenham alguns mais úteis que outros. O médico, por exemplo, tem uma utilidade social, mas o cientista social, é inútil socialmente. O mesmo vale para o filósofo. Para que serve a filosofia? Um geógrafo disse que a geografia serve antes de mais nada para fazer e guerra. A filosofia nem para isso serve! Ou será que sua

função é mais sutil? Para responder isso, nada melhor do que o nosso Doutor, pois ele sim tem autoridade e como tem diploma de Doutor, pode dizer qualquer besteira (embora não seja novidade e não tenha nenhuma originalidade, é o lugar comum da esterilidade, o repetir o repetido). Segundo ele colocou no seu livro acima citado e que ainda não foi publicado, ele diz:

“A filosofia é a mãe da ignorância. Por quê? Ora, a ignorância foi criada pela filosofia à sua imagem e semelhança. Logo, ignorância e filosofia não são diferentes, são iguais! Mas a ignorância não é inútil como se pode pensar à primeira vista. Ela é muito útil. Mas não é útil para todo mundo. Ela é mais útil para os filósofos e colegas semelhantes e para os que precisam da ignorância alheia. Sejam filósofos, sejam ignorantes! Eis nossa palavra de ordem!”

Mais adiante ele aprofunda sua definição:

“A filosofia serve para os servos. A servidão precisa de servos servis e serviços do

filósofo. La Boétie nos provou que o *Discurso da Servidão Voluntária* é o discurso do filósofo. Ele não disse isso? Isto não importa, o que importa é que isso está dito em algum lugar, se não foi ele é porque ele não quis dizer claramente, mas disse de forma obscura, de forma acanhada embora também não tenha dito nada disto. Mas disse ou não disse? É melhor ler sua obra para saber, pois não sou obrigado a ficar falando o que ele disse ou ficar pensando sobre isto, afinal, não sou pago para pensar e sim para filosofar. A filosofia serve para os servos e isto quer dizer que os servos servem para a filosofia. Aliás, somente os servos da academia poderão filosofar de forma rigorosa. Os servos que são rebeldes jamais serão filósofos. A filosofia é o pensamento estéril assim como a ciência. Porém, a ciência é estéril e a esterilidade da ciência é igual a da filosofia. Estou falando tão simples assim por que este livro é para ser um *best-seller* e por isso tem que ser simples. A sua



avó como vai? O ir é uma coisa importante. Isto é filosofia. É dizer e não dizer. Isto é filosofia e ciência. Ciência é filosofia e filosofia é ciência e que tudo isso fique guardado em sua memória. Se você pensou outra coisa, é bom ir ao padre confessar. Eis a logicidade da filosofia. Isto é mais correto ainda para a filosofia social e a sociologia e as ciências humanas como um todo”.

Após a clareza deste discurso, não pode haver mais nenhuma dúvida sobre para que serve a filosofia. Mas o Doutor também é professor. Às vezes ele dá aula contra a vontade. Pois o seu negócio são as pesquisas remuneradas, pois dá mais dinheiro e ele não faz nada, pois são os alunos que fazem tudo. Ele é que nem Rodin: os aprendizes fazem tudo e ele dá o toque final, o acabamento. Ele tira as aspas e faz correções gramaticais e pronto: terminou sua obra. Aliás, uma vez ele contou-me uma história de um outro Doutor. Este se chamava Narciso. Aliás, ele inspirou gerações e gerações de Doutores. Ele escreveu um de seus primeiros

livros, uma *autobiografia*. Lá ele dizia tudo que tinha feito, ou seja, passou muito tempo refletindo sobre o nada e nem sequer disse que estava plagiando Sartre. Mas o plágio é comum para o pensamento estéril, pois é aí que reside sua riqueza! O Doutor Narciso era tão narcisista que ele queria ver seu nome citado, com agradecimentos e tudo, até em livro de quem nem sequer conhecia sua existência direito e a quem não ajudou nenhuma linha. Este era campeão em formalismo, uma das principais características do pensamento estéril. Ele contava quantos porquês tinha em cada frase (sem usar computador!) e se vangloriava de exigir as regras da ABNT de seus alunos. Que coisa! Tal homenzinho se julga o maior sábio entre os sábios. A figurinha era engraçadíssima, não por humor próprio mas por humor involuntário daquelas figuras patéticas, tal como se vê nos filósofos gregos Peri e Patéticus.

Por fim, voltemos a falar do Doutor. Ele tinha um outro amigo que era doutor em sociologia. Ele nos contava os grandes feitos des-

te, os quais iremos contar alguns a seguir. As suas aulas eram seminários. Quando ele marcava aula expositiva não ia. No primeiro dia de aula, apresentava um roteiro de aula, citando Marcuse, McLuhan, Wrigth Mills, e outros e dava uma aula com uma certa desenvoltura. Na turma do terceiro ano apresentava o mesmo roteiro e a mesma aula, mesmo três anos depois, quando os alunos do primeiro ano iam revê-lo... mas não parava aí. O mesmo roteiro era apresentado em outros cursos e outros alunos e até em curso de especialização, onde ele, às vezes, encontrava um mesmo aluno pela terceira ou quarta vez, que tinha que ouvir uma manifestação surrealista do pensamento estéril: já estava decorando aquela aula e já tinha diversas cópias do referido roteiro. Se tal aluno fosse competente, ele já tinha o seu primeiro dia de aula, quando fosse professor, pronto, e até já tinha as cópias impressas do roteiro da aula... É por isso que podemos dizer que os alunos do Doutor aprendiam muito com ele e se tornavam futuros Doutores.

Deixemos os amigos do Doutor e voltemos para o dito cujo. Para finalizar essa longa descrição do Doutor, gostaria de explicar quem é ele. Ele é um Doutor. Mas existem muitos Doutores, não? Sim, mas ele é o tipo ideal, como diria o sociólogo Max Weber. Através acentuação e exageração de aspectos existentes em todos os Doutores (com algumas raras exceções) dentro de um grupo “pesquisado” retiramos alguns aspectos mais significativos e assim formamos o tipo ideal, que nunca se encontra em estado puro na realidade, pois a realidade é bem pior do que pensa a vã tipologia weberiana! Mas não foi possível apresentar aqui todas as características do Doutor. Além disso, foi selecionado determinados traços vistos em determinados tipos concretos que foram misturados. Mas permanece sendo uma figura real, existente de fato. Fragmentado, sem dúvida. Uma união de fragmentos mas em cada fragmento um pouco de cada um e de todos. Qual o nome desse Doutor? Pangloss, Janjão, Simão Bacamarte? Não, nenhum destes e todos estes ao mesmo

tempo. Apologista do melhor dos mundos possíveis, dono de uma falsa fama e competência, um doido querendo curar os loucos. Um misto de coisas mas que podemos nomeá-lo: Janus. Por que Janus? É fácil explicar: Janus tem duas caras e isto é a característica do Pensador Estéril. Duas caras: uma para te olhar e outra para se esconder de você. A cara da imagem social de Doutor empedernido e a cara do estéril epidérmico.



## O HOMEM CORRETO

O seu nome era Jacinto. Todo mundo dizia que ele era um homem correto. E, sem dúvida, ele era. Sua máxima preferida era: “correção, correção e correção”. Ele tomava tudo ao pé da letra, ou seja, era um daqueles leitores que sacrificava o conteúdo pela forma, isto é, abandonava a interpretação em favor da gramática e da ortografia. Quando escrevia, era um daqueles escritores que passa horas preocupado com a correção gramatical e com o refinamento ortográfico, e geralmente se esquecia da mensagem que pretendia transmitir, isto é, como ele mesmo dizia: “uma norma vale mais do que

quinhentos improvisos” ou então segundo a sua versão de quando estava bem humorado: “mais vale uma norma na mão do que quinhentos improvisos voando”.

Este homem correto está morto. Jacinto morreu. Mas o mundo está cheio de homens corretos, que vivem querendo nos colocar a todos no caminho da correção. E não só de homens, mas de mulheres também. Algumas são até mesmo hiper-corretas, para utilizar expressão de feministas intelectuais, também hiper-corretas. Jacinto não representa apenas um indivíduo. Ele significa muito mais que isso: dependendo de quem fala, ele poderia ser taxado de representante de uma raça, uma espécie, um estilo de vida, um caráter social, uma mentalidade, um grupo social, um período histórico determinado, etc.

Por isto, recordar Jacinto é importante. Sua figura logo chamava a atenção. Ninguém resistia à sua presença. Num ônibus, por exemplo, se durante uma viagem alguém começava a fumar, ele delicadamente se dirigia ao fumante ou



ao motorista e lhe lembrava a lei número tal que diz: “é proibido fumar” e exigia o seu cumprimento, afinal “as leis foram feitas para serem cumpridas”. O troco do ônibus tinha que ser correto, pois se faltasse qualquer coisa, mesmo se fosse um mísero centavo, ele ficava esperando e nunca perdoava a falta de troco, mesmo que tivesse que descer três quadras após o ponto que ele deveria descer. Ele dizia: “se as relações mercantis existem e são calculadas matematicamente, então devemos respeitar os cálculos”.

Ele era extremamente correto. Respeitava como ninguém as regras gramaticais, as leis do trânsito, as receitas culinárias, as regras da ABNT, as indicações médicas de dieta e tudo o mais. Ele dizia coisas interessantes, do tipo: “se existem regras, é para serem cumpridas, não é?”.

Lembro-me de uma vez em que ele deu uma lição de respeito às leis do trânsito. Era umas quatro horas da madrugada e a rua estava deserta. A mãe dele tinha tido um ataque do coração e ele tinha que levá-la ao hospital com a

máxima urgência. Mas, como bom homem correto que era, usava o cinto de segurança e não ultrapassava a velocidade máxima permitida e, apesar das ruas estarem desertas, sempre parava quando os sinais estavam fechados. Isto, sem dúvida, atrasou bastante sua chegada ao hospital, tanto que a mãe dele veio a falecer antes dele chegar lá, mas ela devia estar orgulhosa do filho, pois ela tinha criado, embora não o tenha feito sozinha, um homem correto.

Quando estava na situação de pedestre, nunca atravessava a rua fora da faixa de pedestre (mesmo antes de existir a lei que obriga a atravessar nela) e com o sinal fechado, mesmo com a rua deserta e com o horizonte não deixando ver nenhum ser vivo. Tive a impressão, inclusive, de que, se o mundo acabasse e ele fosse o único sobrevivente, ainda só atravessaria a rua na faixa do pedestre e, numa louca viagem imaginária, acho que ele atravessaria o sinaleiro se lamentando desta forma: “como sou infeliz! Não tem nenhuma alma humana viva para fazer o sinal funcionar e me dizer quando eu posso ou não

caminhar e por isso eu caminho em qualquer momento, já que o sinaleiro não funciona”.

Ele fazia uma dieta balanceada, seguindo rigorosamente tudo o que seu médico dizia que ele deveria ou não comer. Também levava em consideração o que via na televisão a respeito disso. Ele entendia tudo de nutrientes, calorias, colesterol, etc., e mais um monte de palavras que nem sei o que significa.

Ele era professor. E também na profissão ele seguia passo a passo o ritual de sua crença na correção. Os alunos deveriam chegar na hora certa (bem como sair), deveriam, impreterivelmente, fazer as leituras, deveriam escrever o nome do professor de forma correta, bem como da instituição, da disciplina, etc., no cabeçalho e tudo o mais, deveriam respeitar o professor e cumprir suas obrigações (assistir as aulas, fazer os trabalhos, e reproduzir tudo exatamente como ele havia ensinado com sua sabedoria e autoridade de professor, deveriam acreditar piamente que ele lhes ensinava alguma coisa e que ele era a autoridade competente

para dizer o que é certo e o que é errado). As leis da sala de aula deviam ser cumpridas, sob pena de diminuição de nota ou reprovação por falta. Tal como ele era correto, os seus alunos deveriam ser. Ele era o exemplo a ser seguido. Obviamente, como era de se esperar, o mais importante para ele era a correção, a disciplina, o respeito às regras. A correção parecia ser uma verdadeira visão de mundo para ele e como todo doutrinador ele queria insuflar o espírito de seus discípulos com tal riqueza espiritual. O conteúdo, neste contexto, era coisa secundária, o que para ele era bastante oportuno, já que sua ênfase na correção justificava seu desleixo com o conteúdo, pois existem regras para serem seguidas e o resto é supérfluo.

Alguns criticavam o Jacinto pelo que eles chamavam de “excesso de correção”. Alguns indivíduos são corretos em alguns aspectos da vida mas não em todos. Jacinto era um caso raro: ele era correto em todos os aspectos. Até nos seus momentos mais íntimos ou nos aspectos mais triviais de sua vida cotidiana ele man-

tinha sua inabalável correção. Respeitava todas as regras de etiqueta e exigia isto dos seus filhos e da sua esposa. Os seus filhos tinham horário determinado para tudo: dormir das 21:00 até às 07:00, tomar café da manhã das 07:00 até às 07:30, brincar das 07:30 até às 09:30, assistir televisão das 09:30 até às 11:00, almoçar das 11:00 até às 11:30, ir à aula às 12:50 e voltar às 18:00, tomar banho das 18:00 até às 18:15, fazer as tarefas e estudar das 18:15 até às 20:00, jantar das 20:00 até às 20:30, assistir televisão das 20:30 até às 21:00 e depois dormir e assim todos os dias, com exceção de sábados, domingos e feriados, cujo a organização temporal era diferente, mas tão rígida quanto esta. Mas ele mudou todo este plano diário de atividades de seus filhos depois que um amigo disse que não era correto menores de 18 anos assistir televisão depois das oito horas da noite...

Quando ia ter relações íntimas com sua esposa ele sempre carregava três manuais: um de receitas de como ter mais prazer, outro sobre os riscos e perigos do relacionamento sexual

para a saúde do indivíduo e um terceiro sobre o que dizer e em que momento dizer quando se está a sós com a esposa. Infelizmente, muitas vezes a leitura levava ao sono e o casal acabava dormindo e ficavam, como se costuma dizer, “apenas na teoria”. Mas isto não podia acontecer todos os dias, pois segundo as autoridades competentes, pelo menos três vezes por semana se deve ir “da teoria à prática” e por isso eles iam dormir às 04:00 horas da manhã três vezes por semana, pois isto é que é o correto.

Assim, essa pessoa tão correta, tinha o direito de pensar, tal como pensava, que era a expressão máxima da perfeição humana. Ele não era um homem que perdia o tempo discutindo as regras. Ele dizia “as regras foram feitas para serem seguidas e não discutidas”. É por isso que ele era o indivíduo que mais consultava o suporte de ajuda do seu computador e seguia todas as instruções que este lhe transmitia.

Mas aconteceu o dia fatídico de sua morte. Os seus inimigos dizem que ele morreu devido ao seu principal defeito: excesso de correção.

Ele estava andando de moto. Estava com um amigo. Ele tinha a preferência na rótula na qual havia entrado mas vinha um carro em alta velocidade e o amigo falou para ele parar. Ele não quis fazer isto argumentando que tinha a preferência, pois já estava na rótula e é isto que diz as regras do trânsito. Porém, foi atropelado e morreu. Seguiu as regras até o último momento e o problema que ele nunca percebeu é que sempre existe um “último momento”. Mas um problema maior ainda ele não percebeu: ele era correto mas nem todos são. As árvores, a natureza, os indivíduos, etc., tudo que o cerca, não é necessariamente correto. Sendo assim, sua correção pode colidir com a falta de correção alheia. O que significa ser correto? Sem dúvida, não significa a mesma coisa que ser perfeito ou qualquer coisa parecida. Segundo o próprio Jacinto, “ser correto é ser corrigido (isto é, ser reprimido, castigado, repreendido) e correção é o ato de corrigir ou a qualidade de quem é correto, tal como diz corretamente o dicionário”. Ser correto é ser reprimido, domesticado

pelas regras. O correto é o reprimido, ou seja, não no outro sentido da palavra, que correto seria correspondente, equivalente, pois foi assim que nos ensinou Jacinto. Mas ele morreu. Um homem correto a menos no mundo. Jacinto se foi. Já sinto que existem outros Jacintos e o mundo que criou Jacinto não criou só um indivíduo e sim uma legião.



## **A RAPOSA E A ORTODOXIA**

Ela se chamava Maria Raposa. Não sabemos como ela era, se alta, baixa, gorda, magra, etc. Não sabemos nenhum detalhe físico para ser narrado enfadonhamente.

Mas sabemos alguma coisa da Raposa, como era carinhosamente chamada. Ela também preferia ser chamada assim, pois “Maria” é muito vulgar. A vulgaridade do nome tinha que ser compensado pelo sobrenome inusitado. É uma aplicação do que ela chamava “lei da compensação”. É preciso compensar a falta de algo com o excesso de outro algo, pois, assim, ao invés de notar a falta, se nota o excesso.

Ela dava um exemplo bem feminista: todas as mulheres usam a lei da compensação. Aquelas que têm “falta de inteligência”, compensam como “excesso de beleza”, e as que têm “falta de beleza”, compensam com “excesso de inteligência”. Isto não é, segundo a Raposa, condenável, pois a lei da compensação faz parte de uma lei maior, que é a lei da sobrevivência, como já dizia um descendente do macaco.

Isto, no entanto, dizia a Raposa, se torna problemático quando a falta é grande e o excesso é pequeno. Ela, por exemplo, com sua modéstia e humildade, admitia que tinha “falta de beleza”, mas isto era compensado de alguma forma. O excesso de inteligência não era tão excessivo assim, então ela compensava com uma tradição da família Raposa, que familiarmente era chamada “raposidade” ou, vulgarmente, es-perteza, astúcia.

Foi assim que ela entrou para universidade, usando sua “raposidade”. Ela conseguiu relativo sucesso usando esta tradição familiar. Ela sempre concordava com os professores, que,

por sua vez, sempre discordavam entre si. Se chegava um e dizia: isto é agua! Ela dizia: é mesmo!! Depois, chegando outro que dizia: isto é terra! Ela dizia: é mesmo!! Assim, o isto se tornou fogo, pedra, ar, isso, inconsciente, ego, superego e muitas outras coisas.

A Raposa concordava com tudo mas sabia que deveria concordar mais com algumas coisas do que com outras. Isto era justificado por outra lei da Raposa. A Raposa era um tanto darwinista e buscava derivar suas concepções da lei da sobrevivência. Só os mais aptos sobrevivem, segundo tal lei. A Raposa apenas acrescentou um item: apenas os mais aptos e os mais adaptados sobrevivem. Então ela criou a Lei da Adaptação. Se são os mais aptos que sobrevivem, é preciso saber quem são os mais aptos e se adaptar a eles. Os mais aptos são os mais fortes, e daí surge mais uma lei, a lei do mais forte. Aqueles que não são mais fortes, o que quer dizer “mais aptos”, devem ser, se forem Raposas, mais adaptados ao mais aptos. É, segundo a Raposa, a lei da natureza. Exis-

tem os mais fortes e os mais fracos, bem como existem os que ficam do lado dos fortes e os que ficam do lado dos fracos. A vantagem, para quem não é mais forte, é ficar do lado de quem é. Ela exemplificava admiravelmente isto citando o desenho animado Tom e Jerry em um episódio em que Jerry sempre que era perseguido por Tom corria para o lado de um cachorro. Assim, os que não são mais fortes devem ser um Jerry procurando o seu cachorro. Claro que isso vale mais para um Jerry de verdade, isto é, um rato comum e existente de fato, do que para o rato fictício do desenho, que era tão forte quanto o Tom, o gato fictício. Mas a Raposa não tinha excesso de inteligência para perceber isto.

A lei do mais forte era uma religião para a Raposa. Ela até comprou um livro do Nietzsche para tentar ter um argumento filosófico para reforçar sua tese. O problema é que ela não gostava de ler muito e o livro era muito complicado. Segundo a Raposa, a complicação só pode ser encarada pelos mais aptos, os mais

adaptados devem buscar a simplificação mas sem parecer ser um fraco, pois, embora o adaptado seja um fraco, não é qualquer fraco! É um fraco do lado de um forte!! Esta é mais uma das leis da Raposa, a lei da simplificação. Os mais adaptados devem ser pragmáticos. O pragmatismo dos mais adaptados tinha que seguir as duas leis complementares da Raposa: a lei da aparência e a lei da poupança. A lei da aparência significa que o adaptado deve ser excessivamente adaptado ao mais forte, pois, seguindo a lei anterior da compensação, o excesso de fraqueza deve ser compensado pelo excesso de adaptação, de tal forma que aparentemente não existe distinção entre apto e adaptado. A lei da aparência também ensina que o parecer é mais importante do que o ser, no caso dos adaptados. A lei da poupança diz que é preciso economizar recursos. Quem tem muitos recursos, como os mais fortes, podem esbanjar, mas quem não tem muito, é precisou poupar, para ter uma reserva quando precisar ou então quando tiver que usar a lei da aparência,

e assim utiliza todos os recursos poupados para parecer um apto, um forte. Assim, a lei da poupança é complementar à lei da aparência.

Mas a Raposa não se contentava em citar suas leis. Fazia questão de dar exemplos práticos. Na universidade, todo estudante, tem que aplicar as leis da adaptação. A lei da simplificação, da aparência e da poupança são melhores praticados quando se possui uma bibliografia básica, tal como o Manual do Blefador; Como Vencer um Debate sem ter Razão; Manual do Debatedor. Quando a Raposa entra em um debate, que é algo difícil de se evitar sempre – embora seja bom evitar, segundo a lei de poupança – é bom usar simultaneamente as três leis e uma das formas de fazer isso é utilizar apenas uma palavra (ou, no máximo umas três, de acordo com a lei da poupança) para derrubar o argumento alheio. Por exemplo, em um debate alguém citou um autor que rebatia sua posição e ela retrucou: é ortodoxo! Com esta poupança de recursos e simplificação, que não quer dizer nada, mas dá a aparência de profundidade

que desarticula o discurso alheio, ela acabou ficando com ares de inteligente, ou seja, uma adaptada que parecia apta.

O problema da Raposa começou quando ela passou a aplicar sua lei da adaptação de forma muito mecânica, repetitiva. Ela começou a aplicar indistintivamente e em todos os debates o rótulo de ortodoxia. Certa vez ela ficou doente e passou duas semanas sem ir à universidade. O seu retorno coincidia com a realização de um Simpósio e, por ter chegado, atrasada, só viu um expositor apresentar idéias que eram criticadas pelos mais aptos e pelos mais adaptados. Terminando, abriu-se as inscrições para o público se manifestar. A Raposa ansiosa para mostrar sua volta e sua adaptação incondicional, o que seria feito diante de uma autoridade externa, se inscreveu e foi a primeira a falar: “Prezado Doutor João Lobo, admiro muito o seu trabalho e sua exposição foi excelente. Porém, devo alertá-lo que sua postura é muito ortodoxa”. Um silêncio geral tomou conta do auditório. O Lobo olhou para a Raposa, pe-

gou o microfone e disse: “eu, ortodoxo? Você estava dormindo ou ouvindo a minha palestra?” O silêncio geral foi substituído pelo riso geral. A Raposa ficou sem entender o Lobo e todos os outros. Os mais aptos fizeram de conta que nem a conheciam, os menos aptos, sorriam e os adaptados se adaptaram aos aptos e a desprezaram. Depois de duas semanas, a Raposa descobriu que o Lobo tinha chegado dos Estados Unidos há poucos meses e trouxe as novidades e tendências (não pega bem falar “moda”) inclusive as edições em língua portuguesa dos novos mestres norte-americanos. O problema é que os novos mestres retomavam e recuperavam os mestres de três décadas atrás, e, apesar da linguagem ser parcialmente diferente, o conteúdo era o mesmo. Depois disso, os aptos decidiram que ela estava desadaptada. O seu sucesso relativo se transformou num fracasso absoluto.

Depois do fracasso de sua carreira acadêmica, a Raposa resolveu ir para uma igreja. Lá ela também tentou utilizar sua lei da compen-



sação para conseguir o sucesso. No entanto, ela também fracassou, em parte por carregar consigo os cacoetes da vida acadêmica. Em uma conversa com um grupo de religiosos e um Bispo ela, mostrando sua discordância, disse: “isto é muito ortodoxo!” ao que o Bispo respondeu: “minha filha, o que você esperava na Igreja Ortodoxa”...



## DIÁLOGO DE SURDOS

Certa vez, Olavo ia andando pela rua com sua bengala branca e, de repente, parou ao sentir o choque dela com algo de material semelhante, possivelmente produzida com o mesmo material de sua bengala. Do outro lado estava Seu Carvalho, com sua bengala marron, que também sentiu o choque e a semelhança do material usado em choque com sua bengala. Ambos eram cegos e não podiam enxergar, apenas deduzir a partir do tato e outros sentidos qual seria o obstáculo. Olavo resolveu parar um pouco, para ver se era algo passageiro. Seu Carvalho também ficou parado, pensando

ser algo móvel no caminho e que logo se afastaria. Depois de um pouco de espera, ambos resolvem voltar ao caminho e novamente se chocam. Aí eles começam um diálogo:

Olavo - Engraçado, estou sentindo algo na minha frente, mas sempre passo por esta rua e não existe nada no caminho.

Seu Carvalho - Curioso! Eu também tentei passar e não consegui, e sempre venho por este caminho!

Olavo - Talvez seja algo caído na rua...

Seu Carvalho - Pode ser, mas já estou aqui alguns minutos e ninguém retirou e não ouvi nenhum barulho.

Olavo - Bom, eu também não ouvi nada.

Seu Carvalho - Eu acho que nós temos que tomar uma providência, pois alguém pode se acidentar aqui devido a este obstáculo.

Olavo - Espere aí, antes de tomar providência, precisamos saber da natureza deste objeto, bem como de sua função social.

Seu Carvalho: – Ora, vamos esperar alguém se machucar para tomar providência? Por qual

motivo você não olha para o obstáculo e me diz o que é?

Olavo: – Não devemos ser precipitados e se agirmos desta forma, poderemos criar mais problemas ao invés de resolvê-los. E por qual motivo você não me diz o que é que está em nossa frente?

Seu Carvalho: – Sei, você quer é não fazer nada. E sobre sua falta de respeito ao solicitar que eu diga o que deve estar na sua frente, não vou nem comentar, pois você manifesta preconceito e falta de respeito.

Olavo: – Ora, se você é um intempestivo, tome suas providências! Agora, sua insinuação de eu sou preconceituoso e tenho falta de respeito com sua pessoa é algo inaceitável, pois você está é tirando sarro com a minha cara!

Seu Carvalho: – Oras, você é um maluco que fica se aproveitando das dificuldades alheias!

Olavo – Isso é um absurdo!! Falar em “dificuldade alheia”!

Neste momento, Josefina e Eugênio iam passando e iniciaram o seguinte diálogo a partir daquela cena:

Josefina – O que há com eles?

Eugênio – É um diálogo de surdos..

Josefina – Bem que eu vi que eles não ouviam direito...

## **A ARTE DE ABRIR UMA LATA DE EXTRATO DE TOMATE**

Eugênio estava de férias. Ele era considerado um gênio e um dos grandes intelectuais de São Pedro, uma cidade com 15 milhões de habitantes. Depois de dedicar uma vida inteira à ciência e à pesquisa, ele se orgulhava de longa trajetória e dedicação para a humanidade.

Ele fez um balanço de toda sua produção, pensando que ela poderia ser escrita em suas memórias. Ele esperava ganhar um prêmio pela relevância social de suas obras e, principalmente, de seu último livro, *A Arte de Abrir uma Lata*

*de Extrato de Tomate*. Ele considerava que esta era sua grande obra e a mais importante do ponto de vista da relevância social. Nesta obra, ele explicava que abrir uma lata de extrato de tomate não era algo prosaico, vulgar e sim uma arte. Em primeiro lugar, ele escreveu 50 páginas sobre o que é a arte, distinguindo-a da ciência e da produção artística em geral. Por arte ele queria dizer técnica, e para abrir uma lata de extrato de tomate é preciso uma rigorosa técnica. A história da humanidade já havia mostrado a importância da técnica e, por isso, ele dedicou apenas 10 páginas finais para ressaltar e recordar isto.

Ele expôs com maestria como se deve abrir uma lata de extrato de tomate. Mas antes discorreu sobre a importância do extrato de tomate, principalmente para a macarronada. O uso do extrato de tomate recebeu 25 páginas. Mas ele, como pesquisador rigoroso e consciencioso, como gostava de dizer, foi mais longe e explicou a importância da lata de extrato de tomate, pois, sem ela, não teríamos acesso ao extrato de



tomate. As formas da lata, os tipos de lata, a lata e a conservação dos alimentos, tudo isto foi explicado com maestria. Depois disso tudo, a arte de abrir a lata de extrato de tomate ganhou nova dimensão devido sua importância. Para abrir tal lata era necessário um cálculo minucioso, uma precisão microscópica, além de instrumentos adequados e esterilizados.

Essa obra-prima ganhou reconhecimento internacional e passou a ser referência em todos os centros de pesquisa do mundo. Ele estava feliz, pensava que já havia dado a sua contribuição para a humanidade e que agora só precisaria colher os frutos de sua longa e invejável colheita.

De volta às aulas, Eugênio se deparou com uma situação que o deixou irritado. Uma aluna do mestrado, chamada Graça, entra na sala de aula dez minutos mais cedo e interrompe as reflexões do doutor Eugênio.

Graça - A professora de Economia passou o seu livro, *A Arte de Abrir uma Lata de Extrato de Tomate* para a gente ler, mas eu não entendi

nada. Que importância tem isso?

Eugênio - O quê? Uma vida dedicada à humanidade para ouvir isso dos alunos de mestrado?

Graça - Mas abrir uma lata de extrato de tomate qualquer um dá conta, oras!

Eugênio - Isto é um absurdo!! Qualquer um? Você nem sequer entendeu a importância desta arte e já se julga no direito de fazer uma afirmação destas? Ora, todos os estudiosos reconhecem a importância disso, inclusive os meus críticos. A sutileza do escrito e a importância de seu conteúdo só são acessíveis para quem se dedica e conhece os segredos da arte e você não sabe nada disso. Você mesma disse que não entendeu nada. Logo, se não entende não pode julgar.

Graça - Como faço para entender e depois poder julgar? Na minha casa eu sempre abro uma lata de extrato de tomate e nunca vi mistério nenhum...

Eugênio - Pobre criança! Da mesma forma que um pescador pesca mas nada sabe da *Arte*

*de Pescar*, escrito pelo grande mestre antropólogo Caio Brandão, também autor, anote aí, de obras inesquecíveis, como *Plantar para Comer e Colher*, além do clássico *As Pamonhas Assadas - Da Arte de Fazer à Arte de Degustar*, você nada sabe da arte de abrir uma lata de extrato de tomate apesar de abrir algumas. A arte é um dom, e somente aqueles que possuem o dom entendem a arte. Outros, como você, somente com muito estudo, pesquisa, esforço, sacrifício, é que poderão ter uma noção, mesmo que meio turva, de tal arte.

Graça – Acho que vou largar disso...

Eugênio – Isso, faça isso mesmo, pois quem não tem o dom, não tem futuro. Faça outra coisa, trabalhe numa fábrica de extrato de tomate! Seja operária, já que não leva jeito para intelectual.

Graça – Então preciso aprender outras coisas... de onde vem o extrato de tomate?

Eugênio: – Da fábrica.

Graça – Quem produz ele?

Eugênio – O Camponês!

Graça – Mas não vem da fábrica?

Eugênio – Isto não tem importância, não faz parte da arte de abrir a lata de extrato de tomate. Logo, vou responder, mas pare de perguntar... O camponês produz o tomate e manda para a fábrica, lá os robôs colocam na lata e pronto, assunto encerrado.

Graça – Mas doutor, como o camponês produz tomate? E como o tomate vira extrato? E quem fez o robô que faz o tomate? O operário? E de onde vem este operário?

Eugênio - Está fazendo graça?

Graça – Não, quem me fez foi minha mãe mais meu pai...

Eugênio – Eu disse, graça de engraçado. Não discuto coisas irrelevantes como essas.

Graça – Mas não é importante saber da produção do extrato de tomate?

Eugênio – Isso é coisa de trabalho manual e eu não discuto estas coisas pobres. Hoje nós sabemos que a grande produção é o trabalho intelectual, imaterial, não manual. Nada de mão, a não ser para abrir a lata de extrato de tomate,

mas com os instrumentos adequados.

Graça – Mas como poderia haver arte de abrir lata de extrato de tomate sem tomate, extrato de tomate, lata de extrato de tomate?

Eugênio – Muito engraçado, mas não tenho tempo para perder com essas futilidades. Vou tomar um café até os outros alunos chegarem e, por favor, não toque mais neste assunto irrelevante e sem sentido. Caso queira discutir estas trivialidades procure o professor Zeca Samba, que perde seu tempo com estas questões inoportunas.

Graça – Desculpe tê-lo incomodado com minhas perguntas bobas. Mas eu vou assistir suas aulas e acabo aprendendo alguma coisa.

Eugênio – Espero, isso é possível, afinal, uma lagarta se transforma em borboleta e por que você não poderia aprender alguma coisa?

Graça ficou sozinha e pensou que já tinha gastado anos estudando e ainda nem tinha chegado no meio do caminho da genialidade de um Eugênio. Ela pensou: “seria isso o sinal de que o embrutecimento tem limites?”



## A VIAGEM

Às 8 horas entrei no ônibus. Sentei e logo a viagem começou. Na minha frente, dois olhos verdes me fitavam. Pareciam perguntar: “quem é você?”. Voltei-me para a janela e olhei a paisagem. A paisagem ia passando e parecia ir, a cada momento da viagem, se despedindo de mim: adeus, adeus, adeus...

A cada etapa da viagem parecia que um pedaço de mim ficava para trás. Olhei para frente e tive que enfrentar novamente os olhos verdes. Eles me disseram:

Você admite que é o culpado? Se não confessar será torturado!

Havia uma luz intensa em cima de mim e a

cena que eu vivia parecia ter sido retirada de um interrogatório de filme policial. O tom de voz se tornava cada vez mais ameaçador. A faca anunciava a tortura. Eu não agüentei e me volvei imediatamente para a janela e o meu confronto com a paisagem.

A paisagem ia passando. Mansões e casebres, morros, montanhas, árvores, coisas e pessoas, pessoas e coisas. O barulho do vento parecia me dizer: estou ficando para trás, **estou ficando para trás, estou ficando para trás...**

Resolvi olhar novamente para frente. Diante de mim havia um juiz, de olhos verdes e roupas tradicionais, atrás de mim um conjunto de pessoas que parecia ser um jurado ou então marionetes. O juiz, com voz grave, falou:

– Vamos dar o veredicto!

Imediatamente olhei para a paisagem. As horas tinham passado e eu nem percebi, pois já era noite. A escuridão do lado de fora era total. Estava chovendo e a chuva batia na janela. O som deste encontro entre água e janela parecia me dizer: não se esqueça de mim, **não se**



esqueça de mim, não se esqueça de mim...

A escuridão aumentava e tomava conta de tudo. O silêncio reinava absoluto. Eu não sentia mais meus membros. O pavor tomou conta de mim. Só quando isto aconteceu que resolvi olhar novamente para frente. Lá, o juiz sentenciou:

O réu é considerado culpado e a sua sentença é a morte!

Fiquei novamente apavorado. O meu fim parecia chegar e eu nada podia fazer. Mas, não sei como, arranquei forças dentro de mim e desafiei a autoridade:

– Por que tanta crueldade?

Me calei. Pensei muito sobre isto. Logo eu mesmo lhe respondi:

– É a maldade!

O silêncio foi interrompido por uma gargalhada tão sonora que parecia que eu estava dentro de um sino gigantesco que se movia de um lado para o outro com o seu barulho estrondoso a cada batida. Mas o silêncio ressurgiu e pouco depois ouvi:

– Vou lhe dar uma última chance: o que é o ódio?

Novamente me calei. Novamente pensei. Tinha a sensação de que a resposta certa poderia me salvar da pena de morte. Era como se fosse uma versão moderna do “decifra-me, ou devoro-te”. Hesitei. Pensei. Achei uma resposta que parecia satisfatória e arrisquei:

– O ódio é o contrário do amor!

Novamente um sorriso sarcástico brotava daqueles lábios. Eles se movimentaram e logo ouvi uma voz que dizia:

– O contrário do amor não é o ódio e sim o desprezo e não é preciso ser filósofo para saber disto. Repito a pergunta: o que é o ódio?

Pensei alguns minutos. Tentei arrancar a resposta a partir de minha própria experiência de vida. Se não precisava ser filósofo, então a resposta não precisaria surgir de elucubrações racionais. Busquei me lembrar das pessoas que odiei durante a minha vida. A primeira pessoa que me veio a mente foi Esther, minha madrastra. Ela fez da minha infância um inferno. Me

batia, me obrigava a estudar e a rezar, me impedia de ter amigos. Eu não podia fazer nada e tinha que aceitar tudo, pois não tinha outra saída, a não ser fugir de casa e passar fome e frio. Depois me lembrei do doutor Robert, meu antigo patrão. Vivia reclamando de meu trabalho e me agredindo verbalmente. Cometia erros e jogava a culpa em mim. Como eu precisava do emprego para sobreviver, não podia fazer nada a não ser aceitar tudo calado. Neste momento, renasceu minha esperança. A resposta estava bem próxima. Pensei um pouco e, frente a frente com o meu interlocutor de olhos verdes, afirmei:

– O ódio é produto da maldade!

As minhas esperanças se dissiparam quando via a expressão facial do juiz que parecia ser uma mistura de tristeza e raiva. Ele disse:

– Dizer que o calor é efeito do fogo ou que o fogo é a causa do calor não é mesmo que dizer o que é o fogo ou o que é o calor...

Vi que cometi mais um erro. Mas como o silêncio dominava o ambiente então pensei que

se fosse rápido e quebrasse o silêncio antes de ser decretado o meu fim ainda tinha uma chance. Arrisquei:

– Mas saber que o calor é produto do fogo ajuda a descobrir o que ele é.

Meu interlocutor me fitou e disse:

– Sem dúvida, a maldade pode provocar o ódio, mas somente em determinadas circunstâncias. Descobrimo-se estas, descobre-se a resposta. O seu ex-amigo George lhe fez muitas maldades e nem por isso você o odeia.

Vi que tinha uma nova e talvez última chance. Poderia também tentar retornar à janela, mas parece que o destino era o mesmo. A única saída parecia ser ir para frente e enfrentar meu interlocutor até o fim. Por que não odiava George? Ele me roubou, me caluniou... e eu tinha pena dele. Por que pena e não ódio? Depois de pensar muito descobri: ele era um mau caráter mas também era um pobre coitado, apenas mais um infeliz sofredor deste mundo. Daí ter pena e não ódio. Mas o Doutor Robert, no final das contas, também

era um pobre coitado, medíocre e mesquinho. Mas deste eu tinha ódio. Por mais que eu pensava não conseguia chegar a uma conclusão. De repente, me veio a mente uma recordação: o Doutor Robert certa vez afirmou:

– Todos os meus empregados parecem me odiar, mas por qual razão, se eu sou tão generoso?

Esther certa vez me disse:

– Você pode estar me odiando pelo que fiz, mas é para o seu bem!

George, certa vez, afirmou:

– Me desculpe! Juro que isto não se repetirá!

Ora, por qual motivo estas recordações me ocorreram? Continuei pensando até ser interrompido pela voz do juiz que disse:

**Assim** como a paisagem, o tempo passa, e cada minuto aproxima o seu fim. Somente a velocidade do seu pensamento poderá lhe dar tempo de vida, pois a vida não é outra coisa senão a ação enquanto que a passividade e a imobilidade são a morte.

Estas palavras pareciam sábias e pareciam

expressar um rico conteúdo, mas o meu tempo estava se esgotando e a pressa me fazia centrar minha atenção na questão mais importante, pelo menos naquele momento: o que é o ódio? Talvez a resposta estivesse na minha reação contra as pessoas que me fizeram maldades. George pagou caro por tudo que me fez e hoje se encontra na prisão. Mas o Doutor Robert e Esther estão livres como passarinhos e contra eles nada pude fazer. De repente, percebi que tinha descoberto o segredo do ódio: o sentimento de impotência. As pessoas que me maltratavam e com as quais eu não podia fazer nada, eu odiava, e as que eu podia me vingar, eu sentia pena. Os fortes são odiados e os fracos são dignos de pena. Fortaleza e fraqueza são produtos, na maioria das vezes, das circunstâncias. O ódio agora podia ser entendido. Confiante, me dirigi ao meu interlocutor:

– O ódio é uma manifestação do sentimento de impotência sob forma de agressividade.

Meu interlocutor sorriu e disse:

– Chegamos ao fim da viagem.

## O FRIO

Ele apareceu. Era um dia como outro qualquer. Eu estava desprevenido. De repente, lá estava eu metido em mais uma encrenca. Eu não sabia por que ele aparecia. Mas ele sempre vinha. Aliás, nem sempre. Ele disse:

Estou aqui! O que você esperava? Não há nada que você possa fazer! A única solução é me aceitar e me suportar.

Isto é absurdo, respondi eu.

O absurdo faz parte da vida, da realidade, somente um realista estúpido não sabe disso.

De onde você vem? Indaguei.

A pergunta correta é: por que eu venho!  
Ele retrucou.

Por que você vem? Insisti.

Estou apenas te procurando. Disse ele.

Para que? Responda!

Para te encontrar. Foi o que ele disse.

Não entendo.

Entendo...

Não, você não entende. Disse eu.

Você é que não entende!

Por que você não é direto? Perguntei.

Por que você é direto? O que adianta sua “objetividade”?

O que eu quero saber é até quando isto tudo vai durar.

Agora sim, você começa a falar sério.

Você não tem resposta para a minha pergunta.

Não, você sabe disso, pois não estou aqui para te ajudar e sim para te dominar. A sua pergunta, até quando isto vai durar, só pode ser respondida levando-se em conta até quando eu vou durar.

Você é aquilo que eu não quero.

Você já descobriu quem sou, mas não des-



cobriu como me tratar...

Como se trata algo como você? Usando lã, couro ou qualquer outra coisa?

O problema não está em usar ou evitar e sim em se posicionar e conseguir manter a posição e mesmo assim não ter nenhuma certeza do que virá e quanto tempo irá durar sua posição, suas forças, e minha existência.

Este diálogo é esclarecedor!

Só em parte.

O caminho que devo seguir, eis a questão!

O caminho que não deve seguir é outra questão!

O mal estar na civilização é mais profundo que Freud pensava.

E mais difícil de se curar do que a mera terapia.

Estou sentindo frio.

Todos sentem frio.

Quando o frio irá acabar?

Se ele acabar...

Como isto pode ocorrer?

Uns dizem que só Deus pode acabar com

ele, outros dizem que só a ciência, há aqueles – os heróis – que dizem que vão acabar com ele. Mas, na verdade ele é um problema de todos e de cada um.

**Isto** significa que para acabar com ele é preciso a vontade de cada um e a ação de todos?

**Um** dos segredos do poder é o sigilo. Não me julgue alguém que quer perder o poder.

**O** que mais você tem a dizer?

**Nada**, para mim agora só resta me manter em silêncio e esperar que o calor nunca venha.

**Interessante**, começo a sentir calor...



CONHEÇA O SISTEMA



O PORTAL DO LIVRO

[www.booklink.com.br](http://www.booklink.com.br)  
[booklink@booklink.com.br](mailto:booklink@booklink.com.br)

Veja outros títulos disponíveis do autor e  
de outros autores, editores e instituições  
que integram o nosso site.

Composto e impresso no Brasil  
Impressão por demanda  
2007